

HISTÓRIA DA



# MÚSICA POPULAR BRASILEIRA

EDIÇÃO QUINZENAL ABRIL CULTURAL Crs.700



11

# BADEN POWELL



**COM ÊSTE FASCÍCULO UM DISCO DE 8 FAIXAS**

BERIMBAU / TEM DO / SAMBA EM PRELÚDIO

Elis Regina • Lucio Alves • Baden Powell • Tamba trio • Geraldo Vandré

CONSOLAÇÃO / LAPINHA / SAMBA TRISTE



**CANTO DE OSSANHA:** um dos primeiros grandes sucessos do compositor Baden Powell. Feito em parceria com Vinicius de Moraes, este "afro-samba" (que faz parte de uma série no gênero, criada pela dupla por volta de 1966) foi lançado com grande êxito pela cantora Elis Regina no programa O fino da bossa, da TV Record de São Paulo.

Possui impressionante magnetismo rítmico-melódico, provavelmente por força de sua característica ritual, emprestada de cerimoniais religiosos ouvidos por Baden Powell na Bahia. A presente gravação foi feita em julho de 1966 no Teatro Record de São Paulo e nos mostra Elis Regina numa das interpretações mais notáveis de sua carreira.

**CONSOLAÇÃO:** um dos maiores êxitos populares da dupla Vinicius de Moraes-Baden Powell. É curiosa a condução melódica tipicamente violonística desta página, para a qual Vinicius criou versos de extrema simplicidade. Consolação é composição de 1963, ano em que o poeta e o violonista se juntaram para a criação de alguns de seus melhores sambas (Bom dia, amigo, Cavalo-Marinho, Só por amor e Pra que chorar), todos eles gravados pelos maiores cartazes da música popular brasileira de então.

O registro aqui apresentado — reputado pela crítica como um dos mais importantes dessa composição — foi feito na Philips, em junho de 1964, pelo famoso Tamba Trio (Luís Eça, Bebeto e Hélcio Milito).

**SAMBA EM PRELÚDIO:** foi uma das primeiras experiências da dupla Vinicius de Moraes-Baden Powell. Sua divulgação se fez inicialmente em São Paulo, através de Geraldo Vandré e Claudete Soares no hoje extinto João Sebastião Bar, da Rua Major Sertório.

A música fazia sucesso nessa conhecida casa de espetáculos, o público jovem que ali comparecia todas as noites não lhe poupava aplausos, mas Samba em prelúdio permanecia circunscrito às quatro paredes daquele recinto. Em fevereiro de 1963 — plena época de carnaval — Sebastião Bastos e Luís Mocarzel, responsáveis pelo setor artístico da gra-

vadora Audio-Fidelity, decidiram levar essa composição ao disco, convocando para a tarefa Geraldo Vandré e Ana Lúcia. A gravação (de cujo acompanhamento participaram Walter Wanderley ao piano, Azeitona ao contrabaixo, Zinho à bateria e Papudinho ao pistão) foi temerariamente lançada ainda em fevereiro de 1963 — período pré-carnavalesco, impróprio para músicas românticas — e, para surpresa de muitos, estourou nos primeiros lugares das paradas de sucesso.

Musicalmente, Samba em prelúdio lançou uma fórmula de entrelaçamento temático (duas linhas melódicas distintas com seus respectivos versos, no final conjugadas num único e excitante discurso musical) que ganharia muitos imitadores.

O registro aqui selecionado é o original, ou seja, aquele que celebrizou a música — com Ana Lúcia e Geraldo Vandré, numa interpretação antológica.

**BERIMBAU:** página integrante dos "afro-sambas" da dupla Vinicius-Baden, não surgiu todavia como tal. Segundo declarações de Baden Powell, esta sua criação nasceu como tema inspirado na batida e no som do berimbau, instrumento típico de capoeira, "cujo som é o mais autêntico som brasileiro, se é que podemos dizer que existe o som brasileiro".

Do ponto de vista estritamente técnico, Berimbau é música violonística, daí haver-se imposto em sua forma instrumental. Na gravação aqui focalizada — realizada em abril de 1964, na Philips — temos o próprio Baden Powell dando-nos a primeira execução fonográfica dessa popular composição.

**SAMBA TRISTE:** o primeiro grande sucesso de Baden Powell como compositor, com a parceria de Billy Blanco (nome artístico de William Branco de Abrunhosa Trindade). Melôdicamente possui também inconfundível caráter violonístico — aspecto marcante nas primeiras composições do artista fluminense. Tanto assim que a maior parte das versões que se conhecem desse samba são simplesmente instrumentais.

A gravação que aqui oferecemos possui dois aspectos historicamente importantes: mostra-nos uma das raras versões cantadas dessa página e sua primeira interpretação fonográfica na voz de Lúcio Alves. Disco Philips, lançado no segundo semestre de 1960.

**TEM DÓ:** outra famosíssima criação da dupla Vinicius-Baden, esta datada de 1963. Gravada simultaneamente por alguns dos maiores nomes da música popular brasileira na época, mereceu em dezembro de 1963 expressiva interpretação dos Cariocas, na etiqueta Philips, ganhando consagração definitiva.

Ritmicamente, toda a sua parte central é de brilhante construção, aqui colaborando de maneira eficaz a interessante letra de Vinicius de Moraes.

**LAPINHA:** composição (aparentemente uma espécie de "partido alto") com que Baden Powell e Paulo César Pinheiro venceram a I Bienal do Samba da TV Record de São Paulo, em 1968. Inspirada em tema folclórico baiano, resultou num dos mais animados sambas de toda a história da música popular brasileira, consagrando-se entre as mais aplaudidas criações de Baden.

Na gravação que aqui oferecemos (feita na Philips, a 27 de maio de 1968) temos a cantora que defendeu Lapinha, na já citada Bienal da Record, contribuindo decisivamente, com sua eletrizante interpretação, para a vitória da música: Elis Regina.

**ASTRONAUTA:** mais uma vez a dupla Baden-Vinicius, desta feita numa homenagem às conquistas espaciais que se verificavam na época — 1963. O predominate caráter violonístico desta página (uma constante, aliás, na maioria das composições de Baden nessa ocasião) limitou-a todavia a seu aspecto instrumental, forma pela qual ela passou a ser divulgada até transformar-se numa das mais aplaudidas criações do grande autor fluminense.

A gravação que aqui apresentamos — feita com o próprio Baden ao violão — data de abril de 1964 e é historicamente a primeira que se fez desta peça.



EDITOR  
VICTOR CIVITA

DIRETOR DE PUBLICAÇÕES  
ROBERTO CIVITA

DIRETOR DA DIVISÃO FASCÍCULOS  
PEDRO PAULO POPPOVIC

DIRETOR EDITORIAL DE FASCÍCULOS  
ARY COELHO

# MÚSICA POPULAR BRASILEIRA

COPYRIGHT 1970 ABRIL S/A  
CULTURAL E INDUSTRIAL  
CAIXA POSTAL 2372 — SÃO PAULO  
COMPOSTA E IMPRESSA EM OFICINAS PRÓPRIAS

## CONSELHO EDITORIAL

V. Diretor Balfour Zapler  
Secretário J. L. Ferrete  
Chefe de Arte Elifas Andreatto  
Editor de Texto Paulo Sérgio M. Machado  
Pesquisa Cleonice Lima  
Lúcia Parreiras  
Ubirajara Coutinho  
Assistente de Arte Tércio Paulo Marques

ASSESSORES: José Lino Grunewald José Ramos Tinhorão Julio Medaglia  
Tárik de Sousa. COLEGIO DE CONSULTORES: Almirante Antônio Serafim  
Aracy de Almeida Aristóteles Travassos Ary Vasconcelos Augusto de  
Campos Benjamim Batista Capinam Eneida Ezequiel Neves Francisco  
Petronio Jota Efigê Lucio Rangel Maria Helena Dutra Maurício Azêdo  
Mauro Ivan Mauro Pires Micio Caffé Moraes Sarmiento Alberto Régio  
Padua Reis Pedro Cruz Randal Juliano Rogério Duprat Salomão  
Junior Sérgio Cabral Walter Alves Walter Lourenço Walter Silva



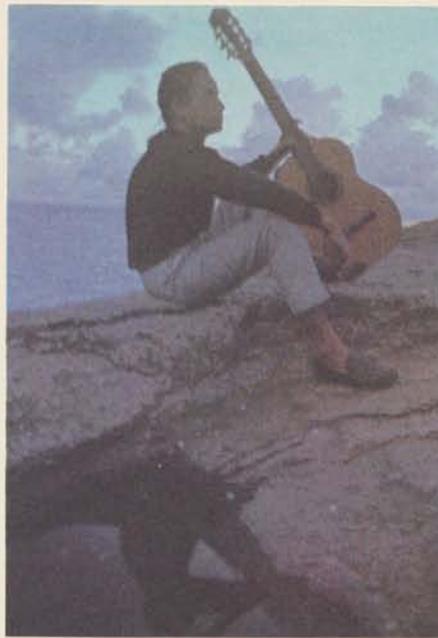
**M**uitos nomes eram estranhos naquela época: César Rol-dão Vieira, Geraldo Vandré, Francisco Buarque de Hollan-da. Mas Baden Powell não era nome de brasileiro. Um estrangeiro em nossa música? A maioria das pessoas que lotavam o Teatro Paramount — jovens, principal-mente — esperava com desconfiança a músi-ca que aquele rapaz magrinho, sério, de nome esquisito (alguns associaram-no ao escotismo) ia agora tocar.

O rapaz espera um pouco — só o suficiente para que o auditório se acalme — e logo um som agressivo se espalha por tôda parte. A multidão fica em suspense alguns segundos, só o suficiente para reconhecer os acordes de um samba quentíssimo, bem balanceado: Consolação.

Muitos já conheciam a música, que fôra gravada por Nara Leão. Mas naquele violão nervoso, todo cheio de dengues e batuques, violento, Consolação era quase um desafio. Um desafio à imobilidade das pessoas e do próprio teatro, que se agitam em ondas de aplausos a cada malabarismo. O rapaz se empolga cada vez mais, seus olhos piscam, abraça o violão com fúria, uma corda se parte mas êle tem recursos suficientes para tocar até em uma só. E na explosão final Baden também explode: sorri.

Anos depois, o saxofonista americano Stan Getz perguntaria muito admirado:

— Mas por que Baden Powell não quer ser o maior violonista do mundo?



O menino Baden cresceu ouvindo os chorões que o pai reunia em casa. Depois, suas "antenas" se voltaram para a Bahia, buscando a malícia da música de capoeira. E o resultado pode ser ouvido sempre que ele pega o violão.

# TÔDA A MALÍCIA DA CAPOEIRA EXPLODE NO VIOLÃO DE BADEN

**A** ordem do cabo, o destacamento disparou. Parecia absurdo, uma carga de cavalaria em cima de um homem só. Mas aquele único negro valia por muitos: era o mais famoso capoeirista da Bahia, no comêço do século.

— Vai morrê, Cordão de Ouro!

— Não desta vez, seus macaco!

O facão risca o ar em várias direções, numa velocidade incrível. Quase simultaneamente os pés do capoeirista distribuem golpes violentos que desalojam os cavalariânos de seus animais. Os que conseguem recuperar as montarias fogem sem esperar ordem de retirada, os que ficam a pé fogem como podem, desesperadamente: ninguém mais quer ver o Besouro Mangangá, roupa branca impecável, sorriso largo de contentamento.

Waldemar de tal, Besouro Mangangá, ou simplesmente Cordão de Ouro, escapara mais uma vez. Podia continuar cometendo seu crime predileto: defender os fracos e os negros perseguidos pelos capitães-do-mato — que insistiam em ignorar uma lei assinada pela Princesa Isabel no ano de 1888.

Nascido em Santo Amaro, Bahia, terra de capoeiristas famosos, Cordão de Ouro não se conformava com a situação. A polícia chegava ao cúmulo de proibir as exhibições de capoeira, divertimento predileto do Besouro e todos os negros da região. Negro devia era trabalhar. Mas em roda que Besouro estivesse ninguém arredava pé até o fim, mesmo que a cavalaria viesse chegando.

Para isso, já havia até um toque característico do berimbau — "cavalaria" — que alertava os capoeiristas. E o folgado ia até o final, sob os olhos e pernas cuidadosos daquele crioulo alto.

Naturalmente a fama do Besouro Man-

gangá — que desaparecia e reaparecia nos lugares mais inesperados — espalhava-se rapidamente, e de longe vinha gente desafiá-lo. O berimbau então dava o toque de "benguêla", avisando que ia ter briga de facão. E o facão que vencida era sempre o do endiabrado Besouro.

Com tanta fama, era inevitável que se criasse a lenda. Assim é que para sua morte existem três versões, tôdas falando em traição: em luta honesta ninguém pegaria o Besouro.

Maria Doze Homens, sua companheira (uma vez pusera doze homens no chão), foi quem o traiu, segundo duas versões. A mais conhecida conta que ela o entregou por dinheiro. Numa curva perigosa foi preparada a armadilha: e Besouro se rasgou numa faca de bambu. Mas à medida que as tripas saíam êle as repunha no lugar. Foi preciso que viesse um médico e injetasse veneno na veia para que o Besouro morresse. E há também a clássica versão da facada pelas costas, dada naturalmente por um amigo.

Conta-se que o espírito do Besouro continuou assombrando as rodas de capoeira. Quando ouviam um *zum-zum-zum*, grito de guerra do mestre, os capoeiristas ficavam possessos, realizando proezas em que depois nem êles acreditavam. O único jeito de apaziguar o espírito era cantar a música do Besouro:

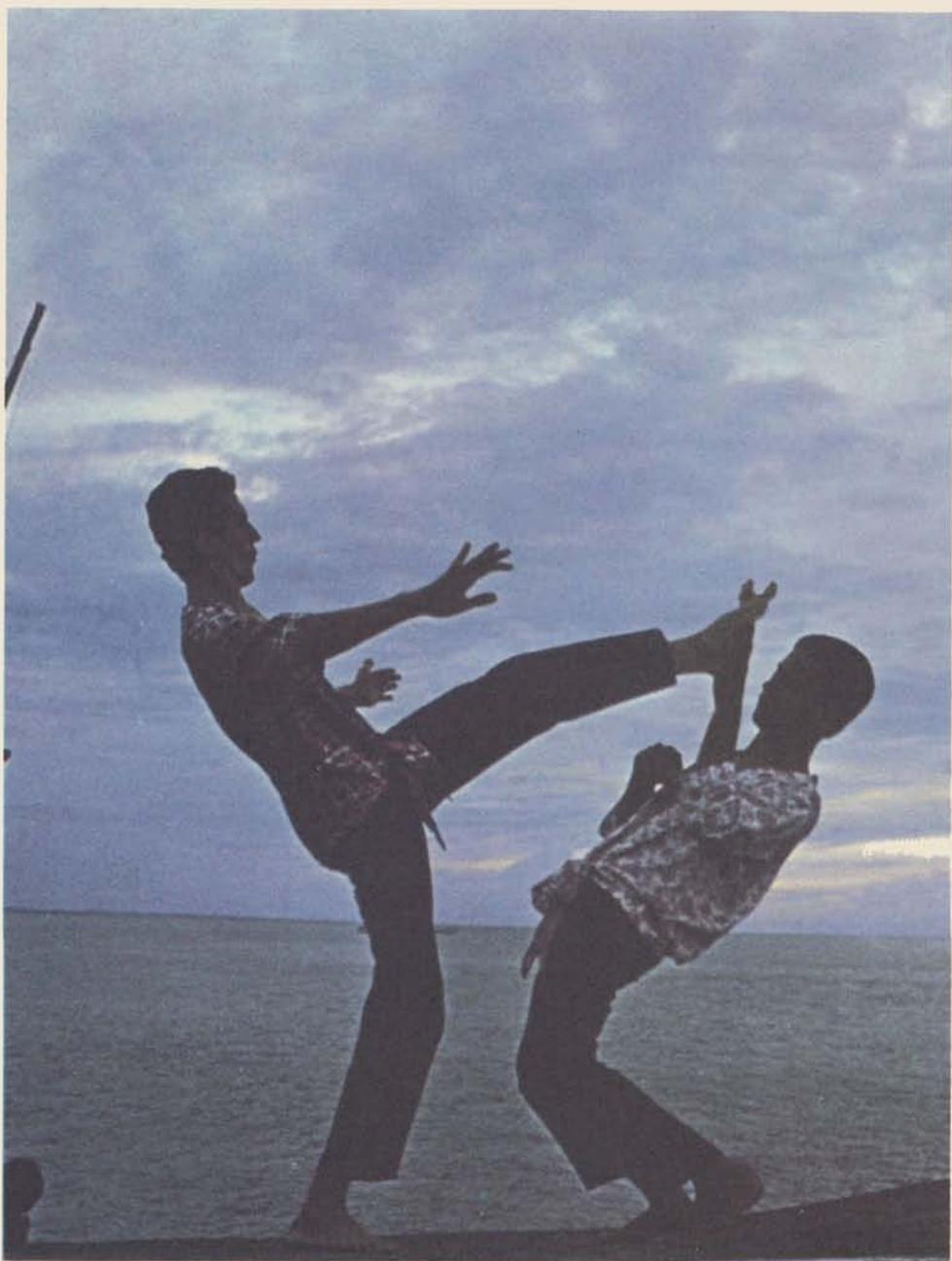
*Quando eu morrê*

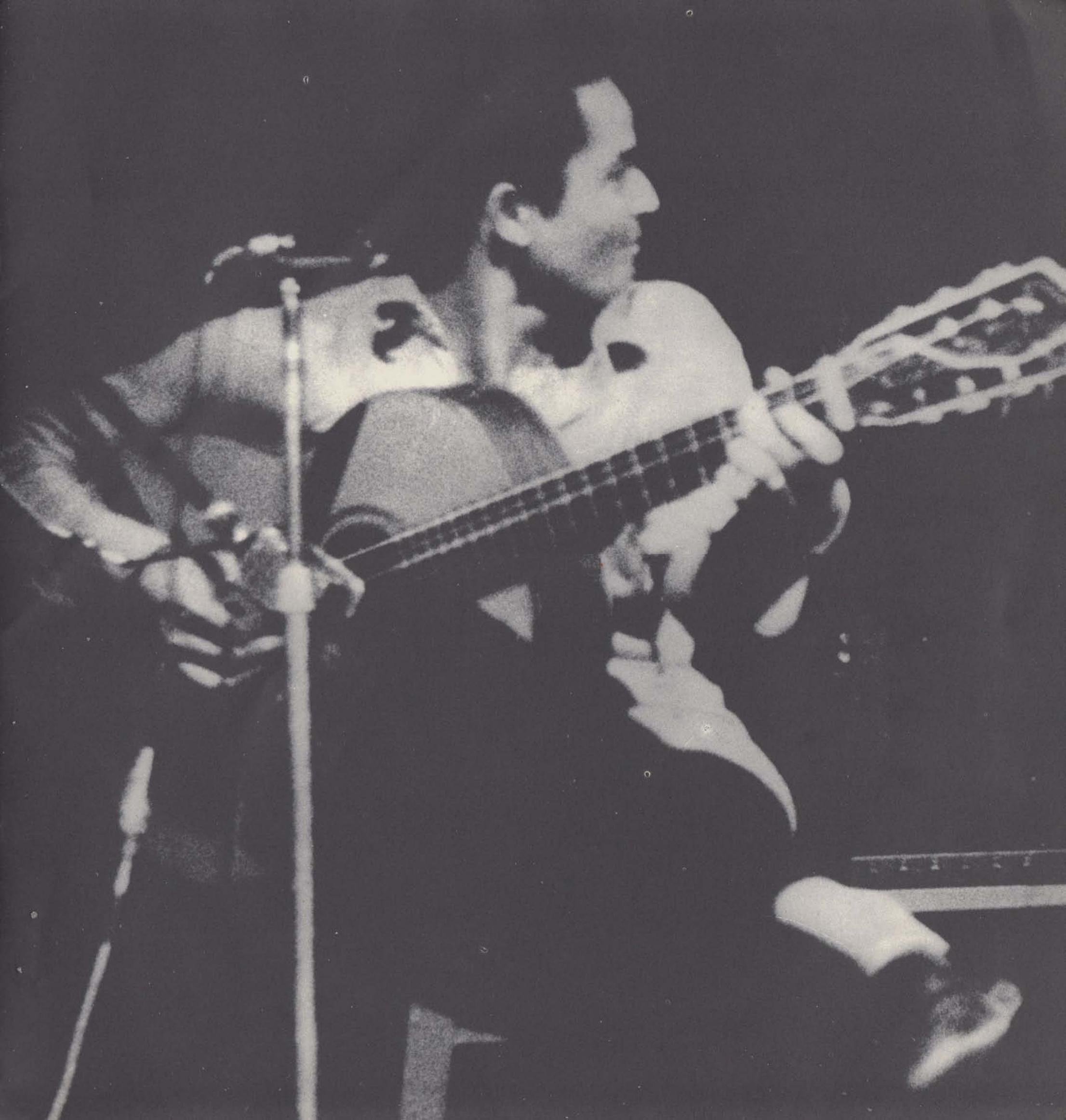
*Me enterre na Lapinha*

*Calça-culote, paletó-almofadinha.*

Esse era seu desejo: ser enterrado na Lapinha, uma espécie de presépio para onde só iam os homens ricos. Por isso êle queria ir bem vestido, num caixão levado por mestres de capoeira.

O refrão espalhou-se, com a história-lenda do Besouro. Correu o interior da Bahia, de bôca em bôca. Tempos depois, trabalhada e enriquecida, a lenda explode na cidade grande, ganhando a I Bienal do Samba da TV Record de São Paulo, sob o nome de *Lapinha*. O Besouro Cordão de Ouro estava imortalizado, graças a Baden Powell e Paulo César Pinheiro, dois compositores da cidade.







Teresa Cristina Drumond era professora de violão em Ipanema e tinha muito a oferecer. Largou o violão e passou a fazer parte do estranho mundo de Baden: um mundo essencialmente poético.



## DILERMANDO, GARÔTO, MEIRA, SEGOVIA: O MENINO ESTÁ ATENTO

Baden Powell de Aquino não é um tímido: é quieto. Prefere ouvir, pois foi ouvindo o Sr. Donga e o Sr. Pixinguinha — como os chamava — que aprendeu a tomar amor pela música.

Por isso aos oito anos, quando o velho Lilo de Aquino, pai e violinista, o leva à Rádio Nacional, êle vai com o violão ganho da Tia Vivina. Apresentado ao Meira (Jaime Florence), violonista do Regional de Canhoto e autor de *Molambo* (parceria com Augusto Mesquita), o menino Baden combina quatro horas de lições diárias. E hoje, embora admita influências de Dilermando Reis e Garôto, diz que deve tudo ao Meira.

Baden não chegou a brincar com os meninos de Varre-e-Sai, cidade fluminense próxima à divisa de Minas e Espírito Santo: quando tinha quatro meses a família se mudara para o bairro de São Cristóvão, no Rio de Janeiro. E até hoje ninguém entendeu direito, lá na cidadezinha, o nome esquisito do filho de Seu Lilo. Baden o quê? Mas depois que o menino ficou famoso a imprensa explicou

exaustivamente a homenagem de Seu Lilo ao general inglês Robert Baden Powell (1857-1941), fundador do escotismo.

O escoteiro da música popular soube aproveitar bem as lições do Meira, sempre preocupado com a formação do garôto. Mostrava-lhe composições de Francisco Tárrega e discos de Andrés Segovia: — Um dia você pode ser que nem êles. . .

O menino Baden não dizia nada: apenas sorria aquêle seu meio-sorriso enigmático e continuava ouvindo mais atento ainda. E no ano seguinte, tranqüilamente, ganha o primeiro prêmio para solistas de violão no programa *Papel carbono*, de Renato Murce, na Rádio Nacional.

### AQUÊLES BAILINHOS DE SUBÚRBIO

Já aos treze anos Baden resolve ganhar seu dinheiro. Pega uma guitarra e vai animar bailes e festas em subúrbios.

Mas ainda encontra tempo para terminar o ginásio no Instituto Cyleno, em São Januário. O violão o acompanha por

tôda parte. De vez em quando dá umas escapadas e vai se encontrar com seus amigos Celso, Jubeira e Miguela, no morro da Mangueira. Ficam horas tocando juntos: êle ao violão e os companheiros batucando. Depois, outros compromissos chamaram Baden, e mais tarde, quando êle pensou em rever os companheiros, descobriu que Celso havia morrido num tiroteio e Jubeira e Miguela estavam na cadeia.

Baden nunca foi um aluno excepcional e o único dez que conseguiu foi graças ao violão. Aos quinze anos, faltou a uma prova, e, na iminência do zero, o pai explicou à professora que o menino precisara faltar para tocar para o Presidente Dutra. Impressionada com o aluno importante, a professora deu-lhe um dez, sem que fôsse preciso fazer prova.

### A CAMINHO DA BOÊMIA

Após o ginásio, Baden vai trabalhar na Rádio Nacional e faz várias excursões pelo interior: começa a ganhar experiência em viagens, que mais tarde serão

multíssimas em sua vida profissional.

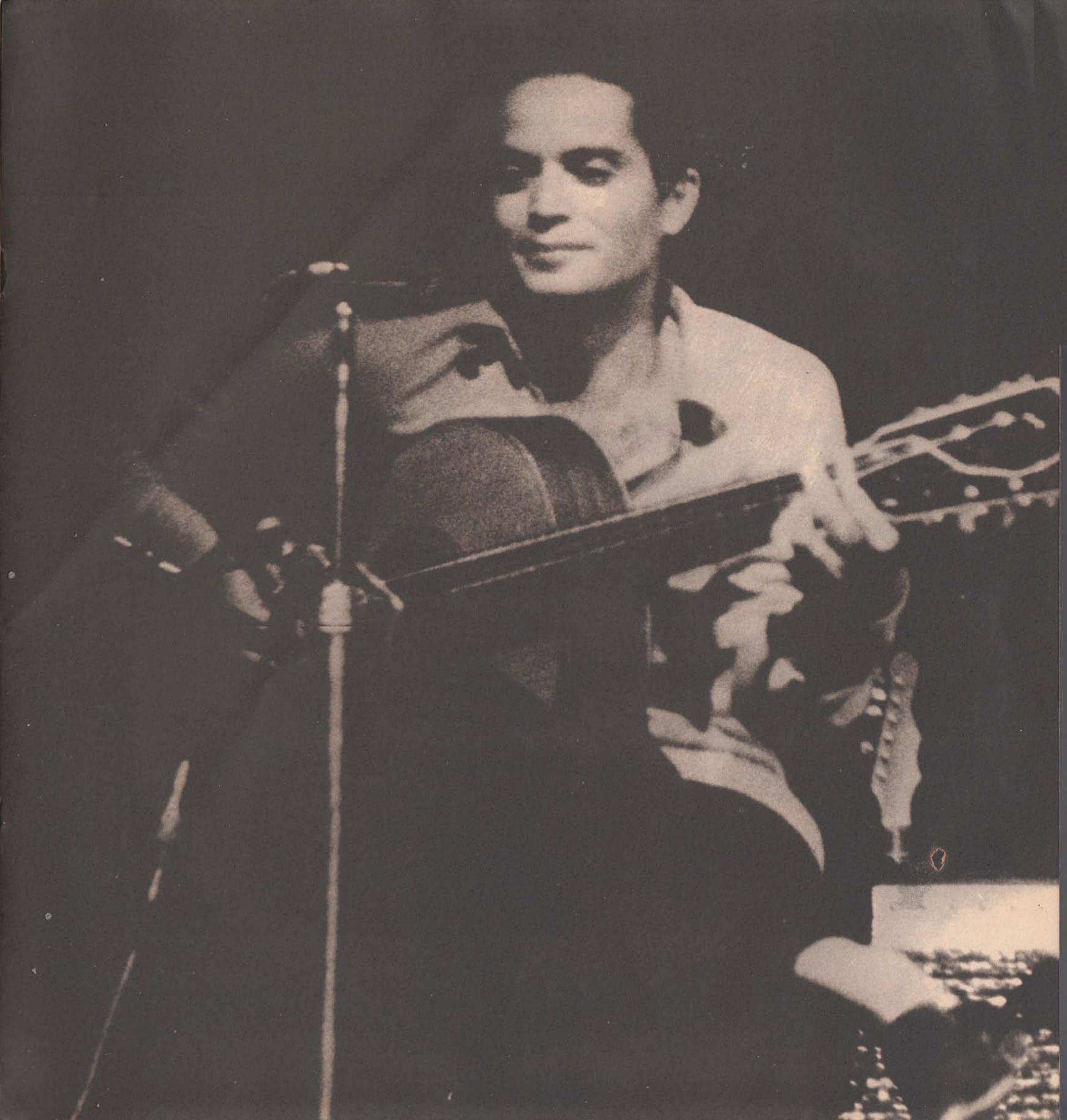
Em 1955, época em que o jazz está alcançando grande sucesso no Brasil (excursionam até aqui Armstrong, Ella Fitzgerald, Benny Goodman), Baden engaja-se no trio do pianista Ed Lincoln, atuando no bar Plaza, em Copacabana.

Lá se reúnem os apreciadores de jazz, constituindo um dos primeiros núcleos que dará origem à bossa nova. Um dos freqüentadores e admirador do violonista Baden Powell era Antônio Carlos Jobim.

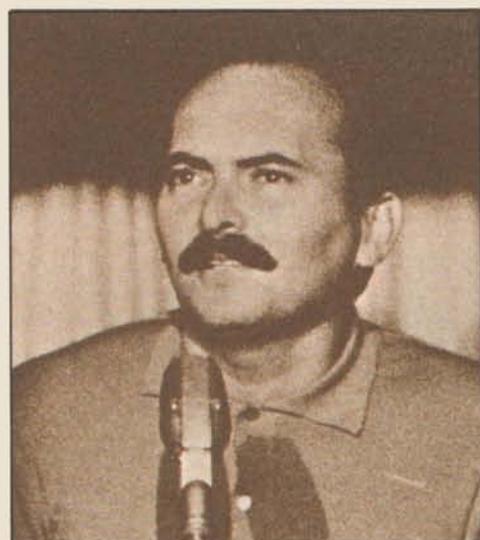
Em 1962, Baden acompanhava Silvina Teles num show na boate Jirau. E foi num daqueles botecos de fim de noite, depois do show, que a cantora apresentou Baden a três grandes nomes da bossa nova: João Gilberto, Jobim e Vinicius de Moraes. E, em meio aos muitos uísques da madrugada, Baden acordou:

— Vinicius?!

Estava nascendo uma dupla que iria representar papel fundamental na música popular brasileira. Naquele mesmo momento êles fazem a primeira música em parceria.







Vinicius seria o grande parceiro de Baden, constituindo-se, assim, uma das duplas mais felizes da música popular brasileira. Quando conheceu Vinicius, naquele fim de noite no Rio (1962), Baden há muito estava esperando encontrá-lo: tinha alguns sambas precisando de letras. Ia entregá-los a Dolores Duran, mas ela morreu em 1959.

Naquela mesma noite o poeta-diplomata ouviu os acordes que o prenderiam por muito tempo ao novo parceiro. Dias depois, surge *Canção de ninar meu bem*.

Tamanho é o entrosamento da dupla que Baden se muda para a casa de Vinicius. Movidos a uísque, dão vazão a toda uma safra de músicas lindas: *Samba em prelúdio*, *Labareda*, *Astronauta*, *Só por amor*, *Bom dia, amigo* e muitos outros. Já iam longe os dias em que Baden compunha sozinho (*Deve ser amor*, *Encontro com a saudade*, *Não é bem assim*). O sucesso, que se iniciara em 1956, com *Samba triste* (letra de Billy Blanco), agora estoura nos discos e nos festivais: a bossa nova está no auge, sacudindo teatros e universidades.

Mas o compositor Baden continua sendo o solista impressionante, distribuindo ritmo e harmonia por toda parte onde vai. Entre um sucesso e outro, acha tempo para casar: encontra-se com Heloísa Setta mas, boêmio incorrigível, logo se desencontra desse amor. Mais uísque, mais sambas, mais shows.

#### UMA SEREIA CHAMADA BAHIA

Atraído pelos ricos temas folclóricos da Bahia, vai até a terra de Caymmi escutar os sons mágicos dos berimbau. Fica por lá seis meses, dedicando-se exaustivamente à compreensão dos misteriosos rituais dos terreiros da Bahia de mil orixás e incontáveis oguns. Conhece Canjiquinha, que lhe fala da história do Besouro Cordão de Ouro. Baden não esquece mais aquele refrão e sente-se obri-

gado a trabalhá-lo. Os sons enfeitiçados da Bahia giram em sua mente.

Precisa voltar urgente e encontrar Vinicius. Recomeçam a compor a toda pressão, com as caldeiras sempre bem abastecidas do melhor uísque. Nasceram *Canto do caboclo pedra preta*, *Lamento de Exu*, *Canto de Iemanjá*, *Bocochê*, *Canto de Ossanha*, *Tristeza e solidão*, *Canto de Xangô* e outros cantos impregnados do mistério negro da Bahia.

Vinicius então teoriza:

— Essas antenas que Baden tem ligadas para a Bahia e, em última instância, para a África, permitiram-lhe realizar um novo sincretismo: carioquizar, dentro do espírito do samba moderno, o candomblé afro-brasileiro, dando-lhe uma dimensão mais universal.

A partir deste pequeno discurso, estavam criados os conhecidos afro-sambas, que são gravados pela etiqueta Forma. O famoso *Berimbau*, embora tenha sido composto antes, é incluído na classificação. E o mesmo acontece com o não menos famoso *Samba da bênção*. Nêle, entre versos simples mas de grande inspiração, os compositores reverenciam os maiores nomes da música popular brasileira. E cantam em poucas estrofes a receita do bom samba:

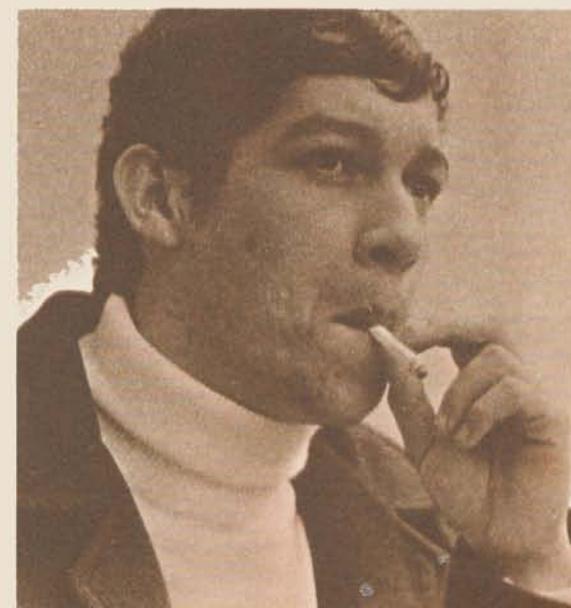
*Fazer samba não é contar piada  
quem faz samba assim não é de nada  
O bom samba é uma forma de oração.  
Ou vão às origens:  
Porque o samba nasceu lá na Bahia  
e se hoje ele é branco na poesia  
se hoje ele é branco na poesia  
ele é negro demais no coração.*

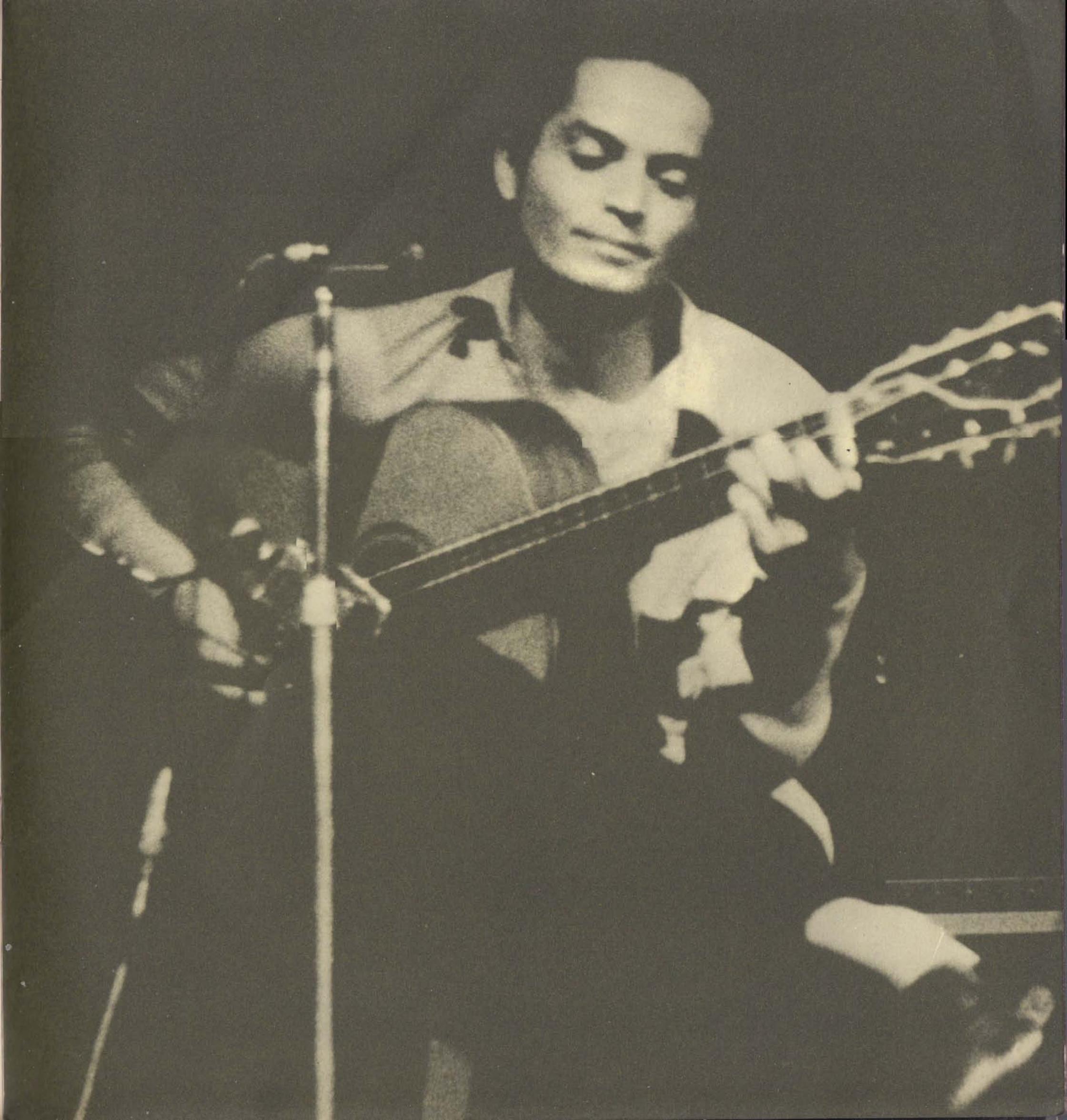
E todos são abençoados em meio a repetidos saravás — o que valeu à música o nome de *Samba saravah*, no filme de Lelouch, *Um homem e uma mulher*.

Num dia de 1962, Baden acorda em Paris. Como companheiro, só o violão. Para sobreviver, 430 dólares que se escoam assustadoramente. Mas numa noite ele se vê no palco do Olympia, aquela imensidão de estranhos esperando ouvir batuques exóticos. E Baden toca Ravel.

## DA BAHIA À FRANÇA, COM MUITA ARTE E ESPANTO

O grande violão de Baden Powell sempre foi suficiente para abrigar quantos parceiros de gabarito aparecessem. Com Billy Blanco fez *Samba triste*, no ano de 1956. Geraldo Vandré, pesquisador dos temas nordestinos e modas de viola, deu-lhe *Rosa flor* e *Se a tristeza chegar*. Mas a grande parceria surge a partir de 1962, com o poeta Vinicius de Moraes: além da notável contribuição durante a bossa nova (*Consolação*, *Deixa*, *Labareda* e outras), a dupla é responsável pelos afro-sambas (*Tristeza e solidão*, *Canto de Ossanha*). Mas o violão de Baden parece inesgotável, e um outro letrista a ele se juntou: Paulo César Pinheiro.





# E O PRESIDENTE AMERICANO FICOU SEM OUVIR BADEN



Baden não gosta de longas temporadas. Seus shows têm duração máxima de um mês: mais do que isso ele acha cansativo. Bem-humorado e descontraído nos ensaios, quando se defronta com o público sua seriedade é extravasada em harmonia e ritmo — que cresce à medida que os aplausos incendeiam a platéia.

O auditório se espanta. Então, no Brasil já se conhecia Ravel? E Bach? Dada a aula, Baden passa para o divertimento, desencadeando seus incontáveis sambas cheios de balanço.

Quanto mais a platéia aplaude, maior é o rendimento de Baden, que se deixa levar às alturas por *Consolação*, *Deixa, Amei tanto*. Foi demais para os empolgados franceses: fizeram-no voltar ao palco sete vezes. E no dia seguinte a imprensa não poupava comparações. De Segovia a Django Reinhardt, o comentário obrigatório era o brasileiro Baden Powell.

O sucesso segurou Baden por dois anos na Europa, estabelecido na boate Bilboquet. Mais que a feijoada com farinha de trigo servida na boate, a saúde o impulsionou de volta ao Brasil.

— Quando se começa a andar dentro do quarto, é hora de voltar.

Além disso, ele descobriu que não conseguia compor fora de sua terra. E essa impossibilidade se revelará aguda quando faz a trilha do filme francês *Le grabuge*: precisava ficar indo e vindo para compor os temas da fita.

A determinada altura de sua vida (ho-

je está com 32 anos), Baden percebe que, para agüentar a carga de tantas apresentações com noites mal dormidas, o segredo é uma “recauchutagem” periódica. Em 1968 recolhe-se a uma clínica de repouso no Rio para se desintoxicar e refazer as forças. Só que no quarto ao lado está um velho parceiro, igualmente em recesso. É o suficiente para que mais alguns sambas venham a público, todos assinados pela dupla Baden-Vinicius.

Novamente em forma, Baden é arrastado pelo violão para seu mundo de amôres, vida, shows e uísques. Mas a fama e os compromissos que tanto lhe sacrificam o corpo não conseguem modificar o seu modo de ser. Baden é o mesmo “desligado” de sempre, que em 1966 recebe um telefonema de Washington:

— Venha imediatamente tocar quinta-feira na Casa Branca para o Presidente Johnson.

E responde, através da tradução do amigo Paulo Soledade:

— Agora é impossível. Tenho um show com Elis Regina no Zum-Zum.

Interpelado pelos amigos surpreendidos, Baden explica que aquele show no Zum-Zum estava complicado para sair e que afinal ele não é assim tão desligado e irresponsável como dizem. . .

De Baden, quando o conheci em começos de 1962, tudo o que sabia é que era autor, com Billy Blanco, de um belo samba que andava correndo à boca pequena entre o pessoal de música: *Samba triste*. Lembro-me dessa noite como se fosse hoje: eu tinha ido assistir ao show de meu parceiro Antônio Carlos Jobim na boate Arpège — historicamente seu primeiro — e, quando o conjunto retomou as danças, vi alguém se aproximar dos músicos e dentro em pouco a sala se enchia de sons de improviso de jazz em guitarra elétrica. Era Baden, e ele estava com a cachorra, fazendo misérias no instrumento. Fiquei ouvindo, maravilhado, lembrando-me dos grandes guitarristas de jazz que conheci nos Estados Unidos e achando que Baden era páreo para qualquer um deles. Depois, fomos apresentados.

— Eu estava tocando para você — disse-me ele. — Tenho aí umas coisinhas em que gostaria que você pusesse letra, caso você tope.

Nessa mesma noite, nos fundos da boate já vazia, mostrou-me dois ou três temas em que eu vidrel de saída. Dei-lhe meu telefone e endereço. Cerca de uma semana depois, indo a São Paulo, encontrei a cantora Carmem Costa, que me pediu um samba sobre assunto brasileiro. Estava de partida para os Estados Unidos e queria chegar lá com uma música bem característica, na esperança de que funcionasse um pouco como *O que é que a baiana tem* para minha querida e inesquecível Cármen Miranda. De maneira que, quando Baden me procurou, propus-lhe o samba. Carmem Costa me havia falado alguma coisa sobre café, pois estava contando com uma ajuda qualquer do IBC.

— Vamos dar a receita de como se faz um bom café — falei pro Baden.

Duas horas depois o sam-

ba estava pronto. Não sei o que Carmem Costa fez com ele nos Estados Unidos, mas sei que o meu bom amigo Monteiro gravou-o, e muito bem, em 1965, num Lp nosso, feito em Paris especialmente para ele, onde há apenas um samba seu em que, na moita, deu parceria a Baden. . . “para não destoar” — explicou-nos mais tarde em sua natural modéstia.

E a partir daí o menino de Varre-e-Sai — um sarro! — não saiu mais do apartamento onde eu morava, no Parque Guinle. Duvido que haja na MPB uma parceria que tenha feito tanto em tão pouco tempo. Meu repertório com Baden alcança por aí umas cinquenta músicas. Pois bem: seguramente a metade foi feita nessa época, num período não superior a três meses. Compúnhamos dia e noite, com muito uísque na cuca — mesmo porque quem é que ia pensar em comer? **Bom dia, amigo, Samba em prelúdio, Só por amor, Consolação** e os primeiros afro-sambas datam desse período de criação a bem dizer incoercível: **Canto do caboclo pedra preta, Canto de lemanjá e Berimbau**. E duas belas valsas que muito amo: **Além do amor e Valsa sem nome**, esta, para mim, inextinguível em nossa parceria.

Daí nos tornamos íntimos amigos, sem reservas nem segredos um para o outro. Um disco folclórico que tinha recebido de meu amigo Carlos Coquejo, da Bahia, foi a pedra de toque para darmos partida aos afro-sambas, como os designei. Nêle havia sambas de roda, pontos de candomblé e toques de berimbau que nos sideravam. Baden partiu pouco depois para a Bahia e andou escutando in loco os cantares do candomblé e freqüentando os terreiros. Voltou a mil, inteiramente tomado pelos cantos e ritos dos orixás, e me explicava horas seguidas os fundamentos da mitologia afro-baiana. Assim fui absor-

vendo o que há de mais rico e orgânico nessa bela religião, e quando os temas de Baden vieram eu estava, mesmo sem ser um crente (“pero que las hay, las hay. . .”), preparado para formulá-los a meu modo. Pouco a pouco surgiram **Canto de Xangô, Tristeza e solidão, Bocoché** e outros ainda; e finalmente **Canto de Ossanha** (que realmente se escreve Ossain, mas a pronúncia popular ficou aquela forma) e agora **Desafio**, ainda inédito.

Mas, mesmo no período dos afro-sambas, não deixamos de compor outros sambas e canções, ao azar de nossa vida e nossas viagens a São Paulo, onde nos apresentávamos com freqüência nos programas de tevê de Elis Regina. São Paulo, diga-se de passagem, nos dá uma sorte bárbara. Nos Apartamentos Excelsior, onde nos hospedávamos sempre, nasceram **Canto de Ossanha, Deixa, História antiga, Apêlo**, entre os principais. E em minhas estadas na Clínica São Vicente, onde me internava uma vez por ano para uma recauchutagem geral, vieram à luz **Samba da bênção**, em 1962, e posteriormente **Pra que chorar, Amei tanto, Cavalomarinho, Tome meu coração**, dos que me lembro.

Nossa vida em Paris durante 1963/64 foi também farta de canções. Além das feitas para a **Ópera do Nordeste**, uma tragédia minha que um dia pretendo encenar, com música de Baden, o Natal de 1963 nos deu, na mesma noite, **Formosa**, feita especialmente para distrair os convidados à ceia que eu dava, e **Velho Amigo**, cantiga em lembrança do pai de Baden, que morrera no Natal anterior, e que evitamos cantar pelas recordações doídas que nos traz. A choradeira foi geral. E, pouco antes de meu regresso, em 1964, Baden deixou-me um tema lindo, sobre o qual escrevi **Tempo feliz**, samba que dá um belo recado.

VINICIUS DE MORAES



# UM ENIGMÁTICO TRATOR PARA MARGARIDA

**N**o momento certo, Teresa Cristina Drumond surge para despertar o coração e o violão de Baden, que volta a fazer coisas incríveis. Em sua casa na Barra da Tijuca, Rio, outra vez são ouvidos aqueles acordes cheios de invenção. E Teresa, que era professora de violão, desiste de lecionar: passa a viver só para ouvir o violão de Baden.

Continua gravando, aqui e na Europa. Ao Disco de Ouro oferecido pela crítica parisiense ao *Mundo musical de Baden Powell*, êle responde com outra gravação, *Mundo musical n.º 2*, onde toca com uma sinfônica em Paris. Enquanto isso, os brasileiros vão ouvindo *Baden Powell à vontade*, *Violão na madrugada*, *Tempo feliz* — entre os muitos Lps que gravou.

A muito custo o Maestro Júlio Medaglia consegue levá-lo, em 1967, ao Festival de Jazz de Berlim (produzido por Joachim Berendt). Ao lado de guitarristas como Jim Hall e Barney Kessel, mais uma vez Baden Powell impressiona a platéia que lota o teatro "Philharmonie" de Berlim — maior casa de espetáculos do mun-

do. Aproveita para gravar mais discos (ao todo, já gravou sete na Europa), excursionar por outros países e gravar tapes para algumas estações de rádio.

## NOVO PARCEIRO, NOVOS SUCESSOS

De volta ao Brasil, encontra Paulo César Pinheiro. Foi num batizado de uma sobrinha de Baden. Lá estava outro antigo parceiro, Mário Teles (*Aurora de amor*, *Tristeza vai embora*), irmão da cantora Silvinha Teles. Mas a noite será da nova dupla: Baden Powell-Paulo César. O violonista e o letrista ficam fazendo música até 7 da manhã. Paulo César tem só treze anos nessa época, o que não o impede de já ter um sucesso: *Viagem*.

Quando Paulo César está com quinze anos, Baden lhe mostra o refrão que aprendera com o mestre capoeirista Canjiquinha. Paulinho se assusta. Afinal, é muita responsabilidade colocar letra numa música de Baden. Por isso, trabalha com afinco. E sai *Lapinha*, a vencedora da I Bienal do Samba, em São Paulo (1968).

Mais uma vez Baden se exila e prepara nova safra, que êle chama enigmática-

mente de "trator para margarida". A nova dupla funciona furiosamente, varando madrugadas inteiras. Algumas músicas dessa fase: *Cancioneiro*, *Samba do perdão*, *Meu réquiem*, *É de lei*, *Refém da solidão*, *Aviso aos navegantes*, *Carta de Poeta* e *Sagarana* — cuja letra Paulinho elaborou no estilo de linguagem de Guimarães Rosa. Paulo César acha que é muito "tranqüilo" compor com Baden:

— O maior letrista que eu conheço? Eu digo que é Baden Powell, mesmo sem nunca ter feito uma letra. Porque, além de a música dêle já dizer tudo, Baden ajuda a gente. Êle canta junto, vai dizendo palavras esparsas. No meio da música, numa dessas palavras, êle dá o tema.

E assim as músicas vão saindo, entre uma garrafa e outra, uma solidão, um cigarro amassado. Baden Powell, 32 anos de idade, 25 de violão, é assim: não pode parar de viver. E viver, para êle, é compor. Já disse uma vez que entre o compositor e o executante que vivem nêle, se fôsse obrigado a escolher, optaria pelo compositor. Por isso, mais que ninguém, Baden Powell pode proclamar ao mundo:

*Mas o que eu sei é que ninguém nunca teve mais / Mais do que eu.* ☞

Nosso primeiro encontro foi, junto com Vinicius, em casa de um amigo em Paris. Fiquei espantado ao descobrir que, além da combinação tempo-contratempo, ele tinha os segredos de mil possibilidades rítmicas até então desconhecidas para mim.

Anos depois, tocando juntos na casa dele, na Barra da Tijuca, descobri outro Baden. O Baden amigo, um homem que não é apenas um excelente compositor e um excepcional violonista, mas um "gênio selvagem" da música. Ele é música.  
PEDRO SOLER